

Aplicabilidade da ultrassonografia de contraste em cães com lesões esplênicas

Cláudia Marques^{1,2,3}, Sofia Monteiro², Monique Ramos², Pedro Parreira², Nuno Leal², Bernardo Trovão¹, Débora Gouveia¹, Rita Serras², Ana Lima^{3,4,5}, Ângela Martins¹, Sónia Campos², Rute C. Teixeira^{2,3,6}, Ana Santana^{2,3,5}

¹Hospital Veterinário da Arrábida, Azeitão, Portugal;

²Hospital de Referência Veterinário para Animais de Companhia da Universidade Lusófona de Lisboa, Portugal;

³Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa, Portugal;

⁴1-MVET (Investigação em Medicina Veterinária), Portugal;

⁵IPLUSO – Instituto Politécnico da Lusofonia, Lisboa, Portugal;

⁶Radiologia Clínica, Faculdade Vetsuisse, Universidade de Berna, Departamento de Medicina Veterinária Clínica, Suíça;

Objetivos: Um diagnóstico preciso das massas esplênicas é fundamental para distinguir entre lesões benignas e malignas. A ultrassonografia com contraste (CEUS), ao permitir a avaliação da vascularização nas fases de *wash-in*, pico de realce e *wash-out*, pode contribuir para a classificação destas lesões, conforme demonstrado em medicina humana e em lesões hepáticas em cães. Este estudo preliminar e prospetivo teve como objetivo avaliar o valor diagnóstico da CEUS na caracterização de lesões esplênicas em cães.

Materiais e Métodos: Foram incluídos doze cães (7 machos inteiros, 2 machos castrados, 1 fêmea inteira e 2 fêmeas esterilizadas), com idade média de 11 anos e peso médio de 17 kg. A maioria dos animais não tinham raça definida (n=10), tendo sido incluído também um Bulldog Francês e um Yorkshire Terrier. Foi administrada uma solução intravenosa de hexafluoreto de enxofre estabilizado com fosfolípidos (SonoVue®, Itália) na veia cefálica (0,03 ml/kg), seguida de uma lavagem com 5 ml de NaCl. Os animais foram posicionados em decúbito lateral direito. As imagens foram adquiridas com uma sonda microconvexa (3,0–11,0 MHz) e analisadas com software proprietário (Mindray Vetus 9). O diagnóstico definitivo foi obtido por histopatologia (punção aspirativa por agulha fina ou biópsia).

Resultados: Em 84% dos casos observaram-se padrões ecográficos variáveis em todas as fases; 8% apresentaram hipoecogenicidade no pico de realce e 8% apresentaram hipoecogenicidade em todas as fases, com presença de vasos tortuosos. Das lesões identificadas, 84% foram benignas (42% hematopoiese extramedular, 42% hiperplasia benigna). Duas lesões (16%) foram malignas, diagnosticadas como linfoma de células pequenas a intermédias e hemangiossarcoma. As lesões benignas apresentaram frequentemente parâmetros CEUS heterogêneos.

Conclusões: A CEUS revelou-se uma técnica não invasiva promissora para a classificação de lesões esplênicas em cães, contribuindo para a definição de uma abordagem terapêutica mais adequada.

Palavras-chave: CEUS; cão; baço; massas esplênicas; ultrassonografia;

Financiamento: Este trabalho foi financiado pela FMV-ULusófona.